



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16439 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 12 - Currículo

MOVIMENTOS CURRICULARES ENTRE SIGNOS ARTÍSTICOS: EXPERIMENTAR EM VEZ DE INTERPRETAR

Andrea dos Santos Gabriel - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
 Elidiana do Amaral Chaves - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
 Sandra Kretli da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

**MOVIMENTOS CURRICULARES ENTRE SIGNOS ARTÍSTICOS:
 EXPERIMENTAR EM VEZ DE INTERPRETAR**

Aprendi com os passarinhos a liberdade. [...]

E aprendi com eles ser disponível para sonhar.

Manoel de Barros

Entrelaçar a arte aos movimentos curriculares torna-se um convite a voos por lugares impensados, numa aposta que permite a criação de outros mundos, que não estão em conformidade com o real. A arte tem esse poder de nos transportar às dimensões outras, permitindo-nos habitar mundos coloridos em contextos opacos, pois, pela arte, torna-se possível ultrapassar a interpretação (Deleuze, 2003).

Este texto convida a pensar: Que lugar tem a arte nos currículos? Arte como representação? Arte como sensações, como abertura a outros mundos, outros possíveis, respiros? E com a liberdade de pousar em qualquer lugar e a disposição para sonhar outros possíveis para os currículos, com a arte, num movimento que se desprende do *eu* e torna-se múltiplo (Deleuze; Guattari, 2011), esvoaçamos no cotidiano de uma escola municipal de ensino fundamental, no município da Serra-ES, como os pássaros que inspiram as poesias de Manoel de Barros (2018), em uma cartografia (Rolnik, 1989) de uma pesquisa de mestrado

para acompanhar os movimentos curriculares tecidos ali. Não nos apegamos a esta ou àquela teoria, pois havia uma multiplicidade delas sendo vivenciadas nas docências. O que nos interessava eram as intensidades produzidas nos encontros com a arte. Não uma arte como representação, mas como abertura a outros mundos, a outros possíveis, a respiros, à vida. Afinal, qual o sentido de um currículo que não afirme a vida?

Em redes de conversações (Carvalho, 2009), na cartografia do cotidiano escolar, professoras e crianças de turmas do primeiro ao quarto ano enunciaram acerca da constituição curricular entrelaçada aos signos da arte. Ao longo do texto, em itálico, apresentamos trechos dessas enunciações produzidas, intencionando provocar o pensamento acerca dos efeitos que a arte pode produzir nos processos educativos.

Conectamo-nos aos fluxos, às intensidades, de modo a produzir a realidade, e não simplesmente representá-la e acompanhamos os movimentos que iam sendo engendrados e se faziam simultaneamente, desmanchando de certos mundos sua perda de sentidos e formando outros que se criavam para expressar afetos “em relação aos quais os objetos vigentes tornaram-se obsoletos” (Rolnik, 1989, p. 15). Apostamos que as enunciações da professora e das crianças apresentadas neste texto não fazem referência a um sujeito centrado, mas às multiplicidades (Deleuze e Guattari (2011), por isso não as nomeamos. Com a arte como forma de pensamento (Deleuze, 2003), entrelaçamo-nos nas linhas do rizoma (Deleuze; Guattari, 2011), para provocar desvios nas formas que tentam controlar a vida, que insiste em escapar. Com a arte, inventamos outros (des)caminhos para constituir movimentos curriculares que afirmem uma vida intensiva no cotidiano escolar, uma vida bonita que não cessa de perseverar.

Que efeitos a arte pode provocar nos currículos? Uma criança que participou do nosso movimento de pesquisa enunciou, em rede de conversações, acerca do modo como a professora trabalhava a literatura infantil na sala de aula e de como ela gostaria que fosse aquele movimento.

“A tia, eu não gosto muito dela falar um texto e a gente ter que fazer, porque eu não consigo parar o troço que ela leu na minha cabeça pra eu poder desenhar, [...]e eu fico só pensando em duas partes, uma parte cortada. Ela poderia pegar vários livrinhos, a gente poderia escolher o livro e [...] a gente ia fazer a história.”

A criança provoca-nos a pensar: Por que não fazer de outro modo? Por que não experimentar em vez de interpretar? A ousadia de Deleuze (1992), convida-nos a violentar o pensamento para experimentar e romper com a ideia fixa de currículo. Experimentar por meio do pensamento!

Na correria desenfreada do cotidiano escolar, nem sempre damos pausas no automatismo das ações, como nos lembra Larrosa (2002), para ouvir as crianças, mas elas têm muito a dizer, inclusive a escolher modos outros de entrar em relação com o que é tecido junto com os signos, aqueles que violentam o pensamento no movimento do aprender.

Aprender que não pode ser controlado, que escapa da recongnição, do dualismo e produz rachaduras na representação. Na violência do encontro com o signo, o pensamento se abre para pensar o impensado, contrariando a imagem dogmática do pensamento, aquela dos postulados (Deleuze, 2018).

Entrelaçar a arte aos currículos para tornar visível aquilo que não se vê! Pela arte, podemos criar mundos outros, que nada têm a ver com o real, por meio dos encontros com o que força o pensamento a pensar. E quem disse que tem que ser ou isto ou aquilo? Pode ser tudo junto e misturado! Uma professora contou-nos acerca desse movimento de abrir-se a outros possíveis, com a arte.

“Eu levei o poema “Ou isto ou aquilo” pra trabalhar com eles. [...]Quando eu comecei a ler, na primeira estrofe, quando fala ou se tem chuva ou se tem sol, ou se tem sol ou se tem chuva, uma criança já questionou, que às vezes está sol e começa a chover; que às vezes está chovendo e abre o sol, e aí a gente começou a fazer esse movimento de, a cada estrofe que eu lia, eu perguntava a eles se realmente era uma coisa ou outra e eles foram conversando, discutindo, pensando em estratégias [...] pra contrapor a Cecília.”

Experimentações curriculares entrelaçadas à arte podem fazer fissuras nas fixações do currículo que tenta ditar modos únicos nos processos educativos. A quem interessam as práticas esvaziadas de sentido, em que crianças e estudantes têm a tarefa apenas de reproduzir? Apostamos na escola como corpo coletivo (Carvalho, 2009) para a constituição de movimentos curriculares que forcem o pensamento a questionar o estabelecido, a perguntar qual é o sentido, a entrar em relação com o que faz a vida transbordar. Apostamos em movimentos curriculares que se proponham, em vez de reproduzir, experimentar. Experimentar modos outros de ser e de estar na escola, com a arte, para deslocar pensamentos e nos transportar a outros possíveis, imaginar outros modos de ser e de estar no mundo, como nos lembrou uma criança que gosta de inventar:

“Todos os dias eu levo livro pra ler. Eu fico contando as histórias que eu fico inventando na minha cabeça [...]”.

Como um convite a experimentar, sem a intenção de convencer, mas de contagiar, concluímos (sempre abertas às experimentações) que, no cotidiano escolar, entre formas e forças, há criação de movimentos curriculares de afirmação da vida, num exercício de pensamento que se abre ao novo, ao impensável, rachando postulados e inventando outros modos de existir, com a arte.

Palavras-chave: Experimentações curriculares coletivas. Signos da arte. Diferença.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de

João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. Jan./fev./mar./abr. 2002 N°19.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et al. Brasília, DF, 2009, 224 p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Ed. 34, São Paulo, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3. ed. Editora: Paz & Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011, 128 p.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo. Estação Liberdade, 1989.